

Entrevista com Ernesto Sousa

O entrevistado de hoje é Ernesto de Sousa, um dos primeiros animadores do cine-clubismo, realizador de curtas-metragens, crítico de artes plásticas, autor de livros sobre cinema, polemista esclarecido, etc. . . que, com o seu primeiro filme de fundo, «D. Roberto», abanou o cinema português do marasmo conformista em que caíra.

A. A. S. M.

P. — Está satisfeito com os resultados técnicos e artísticos do D. Roberto?

1 — Responderei, por partes... Resultados técnicos. Claro que não fiquei satisfeito. Isto não quer dizer que não se tenham feito verdadeiros equilíbrios na «corda bamba», e que o ter conseguido atravessar todos os precipícios que a nossa técnica nos suscitava, até chegar à almejada «cópia sincrona» (nos pontos mais críticos — pelo menos, apresentável), não tenha dado lugar a grandes alegrias. Mas a nossa técnica não é ainda de molde a nos sentirmos «satisfeitos». Pelo contrário, conto muito, neste capítulo, com o nosso inconformismo e o desejo inabalável de atingir os melhores níveis. Temos, no mínimo, que lutar por isso.

Resultados artísticos. Sim! Mesmo reconhecendo defeitos (como não?), mesmo considerando ainda o filme pelo seu lado experimental, ele foi e é, também e sobretudo uma paixão lúcida, paixão de descoberta e amor sem facilidades, «pessimista na cabeça e otimista no coração». Nisto se mistura, naturalmente, a reacção do público, e em particular a do meio cinematográfico e intelectual. Essa reacção tem sido verdadeiramente polémica e vai desde a má vontade sem disfarces (fui ver o filme decidido a «engolir a pílula», diz um crítico; outros tinham-se pronunciado ainda antes do filme apresentado ao público) até ao depoimento calorosos, jubiloso... Multiplicam-se as discussões e os debates, as en-

consideram o «tempo» do filme como o que ele tem de mais genuíno... Agora porém, uma outra atitude me parece surgir, mais positiva, a das pessoas que «vão à descoberta do filme», despidos de criticismo prematuro e numa atitude de prospecção, mais de acordo com as realidades. E sobretudo o caso de dois pequenos ensaios, já escritos com um certo recuo, (pois ambos fazem a crítica à crítica) e que nos surgiram em total surpresa: um publicado no jornal «Novidades» de 16/6/62, por J. J., crítico da «Flama» e antigo dirigente do cine-clube universitário Centro Cultural de Cinema; e um outro, significativamente, por um escritor da novíssima geração, destinado ao «Diário de Lisboa Juvenil», Eduardo do Prado Coelho. Este termina o seu estudo, equilibrado e lúcido, com uma nota de moderado entusiasmo, ao constatar o «algo de novo», o «sopro de lirismo e de fraternidade a que estávamos desabitoados» propondo que, com Mário Dionísio, «em voz baixa cantemos o hino das horas aparentemente mortas».

P. — Que quis dizer com este seu filme?

2 — Responderia, como certa personagem de Dreyser, que quis dizer *tudo*. Não apenas a miséria dos outros, mas a minha, a nossa. O drama da ingenuidade e do sonho impossíveis, e mesmo assim projectando-se numa vontade de futura, na vontade «daqueles



ERNESTO SOUSA

que não desistem». A solidariedade difícil ou impossível, mas compreendida e desejada, a invenção coroada do êxito, mas de um êxito logo negado, para recomeçar, recomeçar... Em resumo: «Dom Roberto» é um filme em que um grande sonho (a casa que nos abraça e põe em segurança) é demolido; e outro sonho (o automóvel que nos transporta velozes, para fora do mesmo espaço, sempre) se mostra em toda a sua ineficácia; mas onde, *não desistir*, do grande sonho da felicidade humana é, apesar de tudo, e criticamente, afirmado. É isto, que é a grande contradição dinâmica do homem moderno, isto resume tudo o que somos e não somos, não é?

P. — Acredita que o cinema nacional pode vir a ser um cinema de qualidade?

3 — Penso que sim, mas olhe que é uma árdua batalha. A do «Dom Roberto» começou.

(Continua na 3.ª página)



FIGUEIRA
N.º 16
8-9-1962

Fraga

tos, é certo,

no plano ar-
erência para
que agora vai
eiro grande—
etim.

u um subsi-
Cinema pou-

avares

e na concreti-
deias e agora
o maiores:

a vez no cine-
erge um beijo
grande plano.
dá este filme
conhecimen-
te agora irão
r-se.

mais conheci-
pa tem mais
ajuda, a equi-
neiro. (Talvez
intuito, por
filmes, absolu-
dos).

reconhece os
é inteligente,
e o seu dia-
gar.

rtuguês é de
el, e a propó-
ugusto Fraga
ODEON, on-
TIDE



POEMA I

da era quase depois da Lua

*Jazíamos desde a Criação
agrilhoados à Terra
viajávamos de carro
íamos a pé ou a cavalo
mas permanecíamos de pés fincados
à espera que águas*